

KOETHI ZAN

Quando a ficção é tão assustadora quanto a realidade

**A LISTA DO
NUNCA**

Tradução
ELVIRA SERAPICOS

**B I
B I
B I
B I**

Copyright © 2013 by Koethi Zan

Todos os direitos reservados, incluindo os direitos de reprodução integral ou parcial em qualquer formato.

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL The Never List

CAPA Alceu Chiesorin Nunes

PREPARAÇÃO Tulio Kawata

REVISÃO Gabriela Ubrig Tonelli e Larissa Lino Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Zan, Koethi

A lista do nunca / Koethi Zan ; tradução Elvira Serapicos.

— 1ª ed. — São Paulo : Paralela, 2013.

Título original: The Never List.

ISBN 978-85-65530-40-8

1. Ficção de suspense 2. Ficção norte-americana I.

Título.

13-07543

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção de suspense : Literatura norte-americana 813

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.editoraparela.com.br

atendimentoaoleitor@editoraparela.com.br

1

Havia quatro de nós lá embaixo nos primeiros trinta e dois meses e onze dias do nosso cativeiro. E então, de repente e sem qualquer aviso, éramos três. Apesar de a quarta pessoa não ter feito barulho algum nesses vários meses, o porão ficou muito silencioso quando ela se foi. Depois disso, durante muito tempo, ficamos sentadas em silêncio, no escuro, imaginando qual de nós seria a próxima na caixa.

Jennifer e eu, entre tanta gente, não deveríamos ter acabado naquele porão. Não éramos como as típicas garotas de dezoito anos, que ignoram toda a cautela quando são soltas pela primeira vez em um campus universitário. Levávamos nossa liberdade tão a sério e a monitorávamos com tanto cuidado que ela quase já não existia. Mais do que ninguém, sabíamos o que havia lá fora, naquele mundo imenso, e não iríamos deixar que nos pegasse.

Havíamos passado anos estudando e documentando metodicamente cada perigo que poderia nos atingir: avalanches, doenças, terremotos, acidentes de carro, sociopatas e animais selvagens — todos os males que poderiam estar nos espreitando pela janela. Acreditávamos que nossa paranoia nos protegeria. Afinal, quais são as chances de justamente duas garotas tão entendidas em desastres serem suas vítimas?

Para nós, não existia essa coisa chamada destino. *Destino* era uma palavra que as pessoas usavam quando não estavam preparadas, quando eram negligentes, quando paravam de prestar atenção. Destino era uma muleta para os fracos.

Nossa cautela, que no final da adolescência era quase uma mania, tinha começado seis anos antes, quando estávamos com doze. Em um dia frio, mas ensolarado, de janeiro de 1991, a mãe de Jennifer nos buscou

na escola de carro, como em todos os outros dias da semana. Eu nem me lembro do acidente. Só me recordo de acordar lentamente com a batida do monitor cardíaco acompanhando o ritmo constante e reconfortante do meu pulso. Depois disso, durante muitos dias eu me senti aquecida e segura ao acordar, até o momento em que meu coração sucumbiu e minha mente superou o tempo.

Jennifer depois me diria que lembrava perfeitamente da batida. Sua lembrança era tipicamente pós-traumática, como um sonho nebuloso, em câmera lenta, com cores e luzes girando em uma espécie de esplendor teatral. Disseram-nos que tivemos sorte porque sofremos apenas ferimentos graves e sobrevivemos à UTI, com seu enxame de médicos, enfermeiras, agulhas e tubos, e depois a quatro meses de recuperação em um quarto simples de hospital com o som da CNN ao fundo. A mãe de Jenny não havia tido essa sorte.

Colocaram-nos no mesmo quarto, para que pudéssemos fazer companhia uma à outra durante nossa convalescença e, segundo o que a minha mãe me disse baixinho, para que eu pudesse ajudar Jenny a enfrentar sua dor. Mas eu suspeitava que o outro motivo para isso fosse o fato de que o pai de Jennifer, que se divorciara da mãe dela e era um bêbado imprevisível que sempre tínhamos o cuidado de evitar, havia ficado satisfeito demais quando meus pais se ofereceram para se revezar no quarto conosco. De qualquer forma, à medida que nos recuperávamos lentamente, ficávamos sozinhas com mais frequência, e foi então que começamos os diários — para passar o tempo, foi o que dissemos a nós mesmas, mas provavelmente sabendo lá no fundo que era para nos ajudar a sentir que tínhamos algum controle sobre um mundo injusto e violento.

O primeiro diário era apenas um bloco que estava na mesa de cabeceira do hospital, com o nome JONES MEMORIAL impresso em letras maiúsculas no alto. Poucas pessoas reconheceriam que era um diário, pois estava cheio de listas com os horrores que víamos na televisão. Tivemos que pedir mais três blocos para as enfermeiras. Elas deviam achar que passávamos os dias entretidas com jogo da velha ou forca. De qualquer maneira, não ocorreu a ninguém mudar o canal.

Quando saímos do hospital, trabalhamos pra valer em nosso proje-

to. Na biblioteca da escola encontramos almanaques, revistas médicas e até um livro com tabelas atuariais de 1987. Reunimos dados, computamos e registramos, enchendo uma linha atrás da outra com as evidências da vulnerabilidade humana.

No início, os diários eram divididos em oito categorias básicas, porém, à medida que fomos ficando mais velhas, descobrimos, horrorizadas, que havia coisas muito piores do que ACIDENTES AÉREOS, ACIDENTES DOMÉSTICOS e CÂNCER. Em silêncio absoluto e depois de muita reflexão, sentadas no banco ensolarado e alegre da janela do meu bem iluminado quarto no sótão, Jennifer escreveu novos títulos em letras pretas com sua Bic: SEQUESTRO, ESTUPRO e ASSASSINATO.

As estatísticas nos davam certa tranquilidade. Afinal, conhecimento é poder. Sabíamos que tínhamos uma chance em dois milhões de sermos mortas por um tornado; uma chance em trezentas e dez mil de morrer em um acidente aéreo, e uma chance em quinhentas mil de sermos atingidas por um asteroide em rota de colisão com a Terra. Em nossa visão distorcida das probabilidades, o fato de termos memorizado aquela lista imensa de números de alguma forma mudava nossas chances para melhor. Pensamento mágico, diriam nossos terapeutas um ano depois que voltei para casa e vi todos os dezessete diários empilhados na mesa da cozinha, e meus pais ali sentados, esperando com os olhos cheios de lágrimas.

Eu estava com dezesseis anos e Jennifer tinha vindo morar conosco porque o pai dela estava na cadeia depois de ter sido detido pela terceira vez por dirigir alcoolizado. Nós o visitávamos pegando o ônibus, porque tínhamos decidido que não era seguro dirigir nessa idade. (Ainda demoraria um ano e meio até que uma de nós tirasse carta de motorista.) Nunca gostei do pai dela, e depois descobrimos que ela também não. Pensando bem, não sei por que íamos visitá-lo, mas íamos, religiosamente, no primeiro sábado de cada mês.

Geralmente, ele apenas a olhava e chorava. Às vezes tentava dizer alguma coisa, mas nunca conseguia terminar uma frase. Jennifer nem piscava, ficava olhando para ele com uma expressão tão vazia como jamais vi em seu rosto, nem mesmo quando estávamos naquele porão. Os dois nunca falavam, e eu ficava a uma pequena distância, desconfortável,

impaciente. Seu pai era a única coisa sobre a qual ela não falava comigo — nem uma palavra sequer —, por isso na volta para casa eu ficava segurando sua mão enquanto ela olhava pela janela do ônibus em silêncio.

No verão antes da nossa ida para a Universidade de Ohio, nossa ansiedade chegou ao auge. Logo estaríamos deixando o quarto que dividíamos no sótão e penetraríamos no imenso desconhecido: um campus universitário. Enquanto cuidávamos dos preparativos, fizemos a Lista do Nunca e a penduramos atrás da porta do quarto. Jennifer, que sofria de insônia, costumava levantar no meio da noite para acrescentar alguma coisa: nunca ir sozinha até a biblioteca do campus à noite, nunca estacionar a mais de seis vagas do seu destino, nunca confiar em um estranho com o pneu furado. Nunca, nunca, nunca.

Antes de partir, enchemos um baú, escolhendo meticulosamente todos os tesouros que havíamos reunido durante anos nos aniversários e natais: máscaras, sabonetes antibacterianos, lanternas, spray de pimenta. Escolhemos um quarto em um edifício baixo para que, em caso de incêndio, pudéssemos pular facilmente. Estudamos detalhadamente o mapa do campus e chegamos três dias antes para examinar os caminhos e passagens e avaliar a iluminação, visibilidade e proximidade dos espaços públicos.

Quando chegamos ao nosso dormitório, Jennifer pegou suas ferramentas antes mesmo de abrimos as malas. Ela fez um furo no caixilho da janela e eu enfiei umas barras de metal na madeira, pequenas mas fortes o suficiente para impedir que a janela fosse aberta pelo lado de fora mesmo que quebrassem os vidros. Colocamos uma escada de corda do lado dela, junto com um alicate para remover as barras de metal caso precisássemos fugir rapidamente. Conseguimos uma permissão especial da segurança do campus para acrescentar uma fechadura de segurança em nossa porta. Como toque final, Jennifer pendurou a Lista do Nunca na parede, entre as nossas camas, e examinamos o quarto com satisfação.

Talvez o universo tenha nos brindado com uma justiça perversa no final. Ou talvez os riscos de viver no mundo exterior simplesmente fossem maiores do que havíamos calculado. De qualquer forma, acho que saímos dos nossos limites ao tentar viver uma vida universitária aparentemente normal. Sério, eu pensei depois, nós sabíamos das coisas. Mas

ao mesmo tempo, a atração das coisas comuns se mostrou irresistível. Fomos para aulas separadas uma da outra mesmo tendo que ir para lados opostos do campus. Às vezes ficávamos na biblioteca conversando com novos amigos até muito depois de escurecer. Fomos inclusive a algumas festas no campus patrocinadas pela universidade. Como jovens normais.

Na verdade, depois de apenas dois meses, secretamente comecei a pensar que poderíamos levar uma vida mais parecida com a das outras pessoas. Pensei que as preocupações da nossa infância talvez pudessem ser deixadas de lado, embaladas nas caixas de papelão junto com as outras recordações que havíamos deixado em casa. Pensei — e agora vejo que isso foi uma ruptura herética com tudo o que acreditávamos — que talvez nossa obsessão juvenil fosse apenas isso, e que finalmente estivéssemos crescendo.

Felizmente, nunca expressei esses pensamentos para Jennifer, e muito menos aqui baseada neles, por isso consegui meio que me perdoar naqueles dias e noites sombrios que vieram depois. Éramos apenas universitárias, fazendo o que os universitários fazem. Mas eu me consolava sabendo que tínhamos seguido nossos protocolos até o amargo final. Tínhamos, quase automaticamente, executado nossas estratégias de proteção com foco e precisão militar, fazendo de todos os dias um exercício de segurança contínua. Todas as atividades tinham três pontos de checagem, uma regra e um plano alternativo. Estávamos atentas. Tomávamos cuidado.

Naquela noite não foi diferente. Antes mesmo de chegarmos ao campus, tínhamos pesquisado qual era a empresa de táxi da cidade com o menor número de acidentes e abrimos uma conta. Colocamos o débito direto no cartão de crédito para o caso de estarmos sem dinheiro ou termos a carteira roubada. Afinal, “Nunca estar desprevenida” era o número 37 da lista. Dois meses após o início do semestre, o atendente já reconhecia nossas vozes. Só tínhamos que dar o endereço e pouco depois éramos levadas em segurança até nossa fortaleza no dormitório.

Naquela noite fomos a uma festa fora do campus — a primeira, para nós. As coisas estavam apenas começando, por volta da meia-noite, quando decidimos que já havíamos forçado demais o limite. Telefonamos para a empresa de táxi e um sedã preto chegou em tempo recorde.

Não notamos nada fora do comum até estarmos dentro do carro com os cintos de segurança apertados. Senti um cheiro engraçado, mas dei de ombros concluindo que isso estava dentro do esperado para uma empresa de transporte de pessoas. Alguns minutos depois, Jennifer adormeceu com a cabeça apoiada no meu ombro.

Essa lembrança, a última da nossa outra vida, ficou preservada na minha imaginação em um perfeito halo de paz. Senti uma grande satisfação. Tinha uma expectativa em relação à vida, uma vida de verdade. Estávamos seguindo em frente. Seríamos felizes.

Devo ter pegado no sono também porque, quando abri os olhos, estávamos totalmente no escuro, no banco de trás, com as luzes da cidade substituídas pelo brilho tênue das estrelas. O sedã preto seguia por uma estrada deserta, tendo à frente apenas a linha indistinta do horizonte. Aquele não era o caminho para casa.

No início entrei em pânico. Depois me lembrei do número 7 da nossa Lista do Nunca: “nunca entre em pânico”. Refiz mentalmente todos os nossos passos naquele dia, tentando inutilmente descobrir onde foi que erramos. Porque tinha que ter sido um erro. Aquele não era o nosso “destino”.

Contrariada, percebi que tínhamos cometido o erro mais básico e fundamental de todos. Qualquer mãe ensinava ao seu filho a norma de segurança mais simples, a mais óbvia até mesmo em nossa lista: Nunca entre no carro.

Em nossa confiança excessiva, pensamos que podíamos enganar — só um pouco — a nossa lógica, nossa pesquisa, nossas precauções. Mas nada poderia mudar o fato de que não havíamos seguido a regra. Tínhamos sido ingênuas. Não havíamos imaginado que pudesse haver outras mentes tão calculistas quanto as nossas. Não havíamos contado, como nosso inimigo, com o mal real, em vez de possibilidades estatísticas.

Ali no carro, respirei profundamente três vezes e olhei para o rosto adormecido de Jennifer por alguns longos e tristes minutos. Rapidamente me dei conta de que, pela segunda vez em tão pouco tempo, ela acordaria para uma vida profundamente transformada. Por fim, apavorada, eu a segurei pelos ombros e sacudi levemente. Ela tinha o olhar embaçado. Coloquei o dedo nos lábios e, à medida que seus olhos en-

contravam o foco, ela começou a processar nossa situação. Quando vi o olhar de entendimento e medo estampado em seu rosto, choraminguei baixinho, mas abafei o som com minha mão. Jennifer havia passado por maus momentos e tinha sofrido tanto. Ela não conseguiria sobreviver sem mim. Eu tinha que ser forte.

Nenhuma de nós soltou um pio sequer. Tínhamos treinado para nunca agir impulsivamente em situações de emergência. E aquela decididamente era uma situação de emergência.

Através da grossa divisória de plástico que nos separava do motorista, conseguíamos ver muito pouco do nosso sequestrador: cabelo castanho-escuro, casaco de lã preto, mãos grandes no volante. No lado esquerdo do pescoço, parcialmente escondida pelo colarinho, uma pequena tatuagem que eu não consegui identificar no escuro. Senti um arrepio. O espelho retrovisor estava virado de forma que não conseguíamos ver quase nada de seu rosto.

Tão silenciosamente quanto possível, testamos as maçanetas das portas. Travadas. O mecanismo das janelas também não estava funcionando. Estávamos presas.

Jennifer se abaixou lentamente e pegou a bolsa no piso do carro, sem tirar os olhos de mim enquanto remexia na bolsa silenciosamente. Ela pegou o spray de pimenta. Balancei a cabeça, sabendo que não teria utilidade no espaço em que estávamos confinadas. Ainda assim, nós nos sentimos mais seguras.

Enfie a mão na minha bolsa, perto dos meus pés, e encontrei outro spray, junto com um alarme manual com botão de pânico. Teríamos que esperar, em silêncio, apavoradas, com as mãos trêmulas segurando os sprays de pimenta e o suor escorrendo pelo rosto apesar do frio de outubro que fazia lá fora.

Examinei o interior do carro, tentando pensar em um plano. Foi então que percebi. Havia pequenas aberturas na divisória do meu lado, mas as que estavam na frente de Jennifer tinham sido ligadas a uma espécie de engenhoca caseira feita de metal e borracha. Havia válvulas ligadas a um cano que sumia da nossa vista no piso da frente. Por alguns instantes, fiquei de boca aberta, observando aquele mecanismo complicado, a minha mente a mil sem conseguir imaginar algo coerente e então eu entendi.

“Vão nos drogar”, eu sussurrei para Jennifer. Abaixei os olhos para o spray de pimenta e lamentei, sabendo que nunca conseguiria usá-lo. Passei a mão, quase como um carinho, e o deixei cair, olhando para a causa da nossa desgraça iminente. Jennifer seguiu meu olhar e percebeu imediatamente o que significava. Não havia esperança.

Ele deve ter me ouvido falar pois, apenas alguns segundos depois, um leve assobio nos avisou que estávamos prestes a ficar muito sonolentas. As aberturas do meu lado foram fechadas. Nós nos demos as mãos e com a outra seguramos as laterais do banco de couro sintético enquanto o mundo desaparecia.

Quando recobrei a consciência, estava no porão escuro que seria minha casa durante mais de três anos. Despertei das drogas lentamente, tentando encontrar um foco para os meus olhos no mar de cinza que havia à minha frente. Quando finalmente consegui enxergar, tive que fechá-los de novo para evitar que o pânico tomasse conta de mim. Esperei dez, vinte, trinta segundos, e abri os olhos novamente e olhei para o meu corpo. Estava nua e presa à parede pelo tornozelo. Senti um arrepio percorrer minha espinha e o estômago embrulhar.

Eu não estava sozinha. Havia mais outras duas garotas ali, nuas, magras e presas à parede como eu. Diante de nós estava a caixa. Era um caixote de madeira simples, medindo talvez um metro e meio de comprimento com pouco mais de um metro de altura. A abertura estava longe de mim, por isso eu não conseguia ver o que a prendia. Havia uma lâmpada fraca pendurada no teto. Ela balançava um pouco.

Jennifer não estava por perto.

2

Treze anos depois, qualquer pessoa que não me conhecesse — e, sejamos francos, ninguém conhecia — poderia pensar que eu vivia a vida dos sonhos de qualquer garota solteira em Nova York. Poderia pensar que tudo acabou bem para mim. Eu tinha seguido em frente. Superado. Sobrevivido ao trauma.

Até mesmo todo aquele trabalho com probabilidades havia compensado, e eu tinha um emprego estável, ainda que nada fascinante, como atuária em uma companhia de seguros de vida. De certa forma, eu achava justo o fato de agora trabalhar em uma empresa que apostava na morte e no desastre. Além disso, eu podia trabalhar em casa. Um paraíso virtual.

Meus pais não conseguiam entender por que eu havia me mudado para Nova York tão depressa, quando ainda estava me recuperando e, principalmente, considerando todos os meus medos. Eles não entendiam como eu me sentia muito mais segura com uma multidão de gente na minha porta o tempo todo. Na cidade de Nova York, tentei explicar, havia sempre alguém por perto para ouvir seu grito. E, melhor ainda, havia a gloriosa vantagem de ter um prédio com porteiro em uma cidade que nunca dormia. Ali estava eu, no Upper West Side de Manhattan, cercada por milhões de pessoas sem que alguém pudesse me alcançar a menos que eu desejasse.

Bob, da portaria, tocava o interfone e sabia que se eu não atendesse era porque não queria ver ninguém — não importava o que fosse. Ele trazia pessoalmente a comida que eu pedia por telefone, porque sentia pena da louca do 11G e porque eu lhe dava o triplo do que todo mundo dava nos feriados. Na verdade, eu podia ficar em casa o dia todo, todos os dias, e ter todas as refeições entregues e todos os recados terceirizados. Tinha um pacote premium de tv a cabo e wi-fi. Não havia nada que eu não pudesse fazer na privacidade do pequeno apartamento que meus pais me ajudaram a comprar.

Os primeiros anos do lado de fora foram uma loucura, literal e figurativamente, mas graças a cinco sessões semanais com a dra. Simmons, a terapeuta que nos indicaram, eu tinha conseguido voltar para a faculdade, arrumar um emprego e atuar razoavelmente no mundo real. Mas com o passar do tempo minha relação com a terapeuta estagnou e percebi que não conseguiria ir além de certo ponto.

E então comecei a ir no sentido inverso. Cavando nova trincheira. Lentamente, imperceptivelmente. Até ficar cada vez mais difícil sair do apartamento para qualquer coisa. Eu simplesmente preferia ficar na segurança do meu casulo em meio a um mundo que me parecia estar girando sem controle. Um mundo cujos males se aproximavam mais de mim a cada dia, enquanto eu os documentava com softwares cada vez mais sofisticados.

Então a campainha do interfone tocou certo dia e Bob disse que não era uma entrega, mas um homem de carne e osso. Alguém do meu passado. Eu não deveria tê-lo deixado subir, mas sentia que devia pelo menos isso ao visitante. Foi aí que tudo recomeçou.

“Caroline.” O agente McCordy estava batendo à minha porta enquanto eu continuava imóvel do outro lado. Fazia dois anos que não falava com ele, desde a chegada da última carta. Eu não estava preparada para um novo contato com aquela outra vida.

Foi quando chegou aquela última correspondência da prisão que eu parei completamente de sair. O simples fato de tocar algo que ele havia tocado, de ler alguma coisa que ele havia pensado, era suficiente para me jogar naquela espiral de medo e desespero que eu pensava ter deixado para trás. A doutora Simmons começou a telefonar para casa naquele momento. No primeiro mês depois disso, embora ela não dissesse, eu sabia que estava sendo monitorada para evitar qualquer tentativa de suicídio. Minha mãe apareceu. Meu pai ligava todas as noites. Eu me senti invadida. E agora estava começando tudo de novo.

“Caroline, você pode abrir a porta?”

“Sarah”, eu corriji, pela porta, irritada com o fato de ele estar seguindo o protocolo, usando aquele outro nome, o que eu decidi usar no mundo exterior.

“Desculpe, eu quis dizer Sarah. Pode me deixar entrar?”

“Você está com outra carta?”

“Preciso conversar com você sobre algo mais importante, Car... Sarah. Sei que a dra. Simmons já falou com você sobre isso. Ela disse que eu poderia vir.”

“Não quero falar sobre isso. Não estou preparada.” Parei de falar, mas, sentindo que era inevitável, comecei a destrancar metodicamente as três fechaduras de segurança e a fechadura normal. Abri a porta lentamente. Ele estava ali parado, segurando o distintivo. Sabia que eu iria querer confirmar se ainda era oficial. Sorri diante disso. Depois dobrei os braços, na defensiva. O sorriso desapareceu e recuei um passo. “Por que tem que ser comigo?”

Eu me virei e ele entrou na sala atrás de mim. Sentamos na frente um do outro, mas não lhe ofereci nada para beber, com medo de que ele ficasse muito à vontade e se demorasse. Ele olhou ao redor.

“Impecável”, ele disse, sorrindo levemente. “Você não muda nunca, Sarah.” Pegou um bloco e uma caneta, colocando-os cuidadosamente sobre a mesinha, num ângulo perfeito de noventa graus.

“Você também não”, eu disse, observando sua precisão. Voltei a sorrir, sem querer.

“Você sabe por que tem que ser você”, ele começou a falar devagar. “E sabe por que tem que ser agora. É isso.”

“Quando será?”

“Daqui a quatro meses. Vim cedo para preparar você. Podemos trabalhar nisso juntos. Acompanharemos você em todas as etapas do processo. Você não estará sozinha.”

“Mas e Christine? Tracy?”

“Christine não quer falar conosco. Não quer falar com a assistente social. Cortou completamente todo o contato conosco. Casou com um banqueiro que não sabe nada a respeito do seu passado, nem mesmo seu nome verdadeiro. Ela mora em um apartamento na Park Avenue, tem duas filhas. Uma delas entrou para uma pré-escola episcopal este ano. Ela não vai querer chegar nem perto disso.”

Eu não sabia muita coisa da vida de Christine, mas nunca consegui acreditar que ela tivesse conseguido apagar completamente toda aquela experiência, isolar e extirpar aquilo como um câncer.

Eu devia ter esperado algo assim, considerando que Christine foi quem sugeriu que mudássemos nossas identidades quando a imprensa parecia não se cansar da nossa história. Ela havia se afastado da polícia de propósito, como se não tivesse morrido de fome nos últimos dois anos e não tivesse ficado encolhida em um canto chorando durante três. Ela não olhou para trás. Não se despediu de nós, não desmoronou como Tracy, não abaixou a cabeça em sinal de derrota, destruída pelos anos de dor e humilhação. Simplesmente se afastou.

Depois de tudo, soubemos pouca coisa de sua história pela assistente social que se encontrava conosco e que procurava nos reunir todos os anos com base na duvidosa teoria de que poderíamos nos ajudar umas às outras. A mensagem que recebíamos de Christie era a de que ela já havia se recuperado, muito obrigada. E boa sorte para todos.

“Por que não Tracy?”

“Tracy está vindo, mas você precisa entender que não pode ser Tracy sozinha.”

“Por que não? Ela é estável, brilhante, articulada. Poderíamos até dizer que ela é uma espécie de pequena empresária. Isso não é suficiente?”

Ele riu. “É claro que ela é um membro produtivo da sociedade. Mas não é exatamente a dona da quitanda do bairro. Está mais para ativista feminista radical. E como o jornal que ela publica dá muita atenção à violência contra as mulheres, poderia parecer que ela tem algum interesse.

“E sim”, ele continuou, “ela é articulada. Depois de todos estes anos na faculdade, é bom que seja. Mas nestas circunstâncias ela consegue passar à ofensiva. Não inspira o sentimento de pena que precisamos despertar no conselho de liberdade condicional. Isso sem citar o cabelo raspado e as quarenta tatuagens espalhadas que ela tem pelo corpo.”

“Como...”

“Eu perguntei. Não contei.” Ele fez uma pausa. “Carol...”

“SARAH.”

“Sarah, quando foi a última vez que você saiu deste apartamento?”

“O que está querendo dizer?” Desviei o olhar. Passei os olhos por

esta joia do pré-guerra banhada em branco como se ela de alguma forma compartilhasse minha culpa. Um pequeno pedaço do céu que eu mesma criei. “É tão bonito. Por que eu teria que sair?”

“Você sabe o que estou querendo dizer. Quando foi a última vez que você saiu? Para ir a qualquer lugar. Andar pelo quarteirão. Pegar um pouco de ar. Para se exercitar.”

“Eu abro as janelas. Às vezes. E faço exercícios. Aqui dentro.” Olhei ao redor. Todas as janelas estavam fechadas e trancadas, apesar do lindo dia de primavera lá fora.

“A dra. Simmons sabe disso?”

“Ela sabe. E não está me ‘pressionando além dos meus próprios limites’, como ela diz. Ou algo parecido. Não se preocupe. A dra. Simmons está sabendo de tudo. Ela tem meu número. Ou números. toc, agorafobia, hafefobia, estresse pós-traumático. Nós nos vemos três vezes por semana. Sim, eu a vejo neste apartamento, não me olhe com essa cara. Sou uma cidadã honrada com um trabalho fixo e uma bela casa. Estou bem. As coisas poderiam ser muito piores.”

Jim olhou para mim com olhar de pena. Desviei o olhar, sentindo um pouco de vergonha de mim, pela primeira vez em um bom tempo. A voz dele ficou séria de novo quando voltou a falar.

“Sarah”, ele disse, “temos outra carta.”

“Mande pra mim”, eu respondi, com uma firmeza surpreendente para nós dois.

“A dra. Simmons não tem tanta certeza de que seja uma boa ideia. Ela não queria que eu lhe contasse.”

“É minha. Está endereçada a mim, não está? Por isso você tem que enviar para mim. Não é uma obrigação legal ou algo assim?” Fiquei em pé e comecei a andar pela sala, comendo a unha.

“Não faz muito sentido. Mais divagações. Principalmente sobre a mulher dele.”

“Não tenho dúvida de que não deve fazer sentido. Nenhuma delas faz. Mas um dia ele vai escorregar, haverá uma pista. Ele vai me dizer onde está o corpo. Não com todas as palavras, mas vai deixar escapar alguma coisa, algo que me diga onde procurar.”

“E como você vai fazer isso? Como vai procurar? Você não consegue

sair deste apartamento. Não quer sequer testemunhar na audiência da condicional do sujeito.”

“E que tipo de maluca aceita casar com um sujeito desses?”, eu perguntei, ignorando-o e acelerando o passo. “Quem são essas mulheres que escrevem cartas para prisioneiros? Será que secretamente *desejam* ser acorrentadas, torturadas e assassinadas? Será que *desejam* chegar bem perto do fogo para se queimar?”

“Bem, aparentemente ela conseguiu o nome dele na igreja que frequenta. Elas fazem isso como uma espécie de missão de misericórdia. Segundo ele e seu advogado, funcionou. Alegam que ele realmente se converteu.”

“Você acredita nisso?” Ele balançou a cabeça e eu continuei a falar. “Tenho certeza de que ela será a primeira a se arrepender quando ele sair.”

Dei a volta e sentei no sofá. Segurei a cabeça com as mãos e suspirei.

“Não consigo nem sentir simpatia por essa pessoa. Que idiota.”

Em outras circunstâncias, acho que Jim teria dado um tapinha no meu ombro ou talvez até passado o braço pelas minhas costas. Gestos naturais de conforto. Mas ele sabia das coisas. Ficou exatamente onde estava.

“Veja bem, Sarah, *voce* não acredita que ele se converteu, e *eu* também não acredito. Mas, e se o conselho da liberdade condicional acreditar? E se esse sujeito ficar preso por apenas dez anos por ter mantido vocês trancafiadas e — se o que todos nós suspeitamos estiver certo — por ter matado uma de vocês, e talvez outras. Dez anos. Isso é suficiente para você? Isso é suficiente pelo que ele fez a você?”

Virei o rosto para que ele não visse meus olhos se enchendo de lágrimas.

“Ele ainda tem a casa”, Jim continuou. “Se conseguir sair, é pra lá que ele vai voltar. Para aquela casa. Dentro de quatro meses. Com a esposa batista da prisão a reboque.”

Jim se mexeu na cadeira, inclinando-se para a frente, mudando a conversa.

“Sua melhor amiga, Sarah. Sua melhor amiga. Faça isso por Jennifer.”

Aí não consegui mais segurar as lágrimas. Mas não queria que ele

me visse chorando, por isso me levantei e corri até a cozinha para pegar um copo de água. Abri a torneira e fiquei olhando a água correr enquanto me recompunha. Minhas mãos agarraram a borda da pia com força, até as juntas ficarem brancas como porcelana. Quando voltei, Jim estava se levantando para ir embora. Juntou suas coisas lentamente, recolocando-as uma a uma na maleta.

“Sarah, sinto muito por pressionar você. A dra. Simmons não vai gostar disso. Mas precisamos de você para fazer uma declaração impactante, como vítima. Sem você, fico preocupado. Sei que a decepcionamos. Eu a decepcionei. Sei que a acusação de sequestro não foi suficiente por tudo o que ele fez. Mas, no fim das contas, não tínhamos provas suficientes para a acusação de assassinato. Sem um corpo e com as provas do DNA... contaminadas. Mas temos que fazer com que ele pelo menos cumpra toda a sentença. Não podemos arriscar.”

“A culpa não foi sua. O laboratório...”

“O caso era meu, a culpa foi minha. Acredite, ainda estou pagando o preço por isso. Vamos enfrentar isso e depois esquecer.”

Para ele era fácil falar. Eu tinha certeza de que era exatamente o que ele queria, esquecer tudo aquilo. O grande erro de sua carreira. Para mim, era um pouco mais difícil.

Ele mostrou um cartão, mas fez um sinal para dizer que não precisava. Eu tinha o número.

“Eu vou te preparar aqui no apartamento. No lugar que você preferir. Precisamos de você.”

“E Tracy também estará presente?”

“Sim, Tracy estará presente, mas...” Ele olhou para a janela, constrangido.

“Com a condição de que não tivesse de me ver, falar comigo ou ficar sozinha comigo, certo?”

Jim titubeou. Vi que ele não queria falar, mas percebi que era isso.

“Pode falar, Jim. Sei que ela me odeia. Pode falar.”

“Sim, ela impôs essa condição.”

“Está certo. Está certo, vou pensar no assunto.”

“Obrigado, Sarah.” Ele tirou um envelope aberto de dentro de um bloco de notas e colocou em cima da mesa. “A carta. Você tem razão,

é sua. Aqui está. Mas, por favor, converse com a dra. Simmons antes de ler.”

Ele andou até a porta. Sabia que não devia tentar me cumprimentar. Apenas acenou rapidamente, fechou a porta silenciosamente e ficou do lado de fora, esperando até que eu fechasse as trancas. Quando ouviu o último clique, foi embora. Ele me conhecia bem.